

# Introdução às Teorias Sociológicas: de Marx a Bourdieu

---

*Luis Melo Campos*



Edição, distribuição e vendas:  
SÍLABAS & DESAFIOS – UNIPessoal, LDA  
NIF: 510212891  
www.silabas-e-desafios.pt  
info@silabas-e-desafios.pt

Sede:  
Rua Dorília Carmona, nº 4, 4 Dt  
8000-316 Faro  
Telefone: 289805399  
Fax: 289805399  
Encomendas: encomendar@silabas-e-desafios.pt

TÍTULO  
**INTRODUÇÃO ÀS TEORIAS SOCIOLÓGICAS: de Marx a Bourdieu**

AUTOR  
**LUÍS MELO CAMPOS**

1ª Edição  
Copyright @ Setembro 2015  
Sílabas & Desafios, Unipessoal Lda.  
ISBN: 978-989-99114-8-2  
Depósito legal:

Pré-edição, edição, composição gráfica, paginação e revisão: Sílabas & Desafios Unipessoal, Lda.  
Pré-impressão, impressão e acabamentos: Gráfica Comercial, Loulé

Capa: Joana Guita Pinto; <http://www.ladybug-ctrlc.com/>

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos. Reprodução proibida. A utilização de todo, ou partes, do texto, figuras, quadros e gráficos, deverá ter a autorização expressa do autor.

*Ao meu filho João e sua mãe Sara.*



# Índice

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>I. KARL MARX E O MATERIALISMO HISTÓRICO</b>	<b>13</b>
1. INTRODUÇÃO	13
2. O MATERIALISMO HISTÓRICO COMO PARADIGMA DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA	15
3. TRABALHO, TEORIA DO VALOR E MAIS-VALIA RELATIVA	20
3.1. TRABALHO, ALIENAÇÃO E TEORIA DO VALOR	20
3.2. MAIS-VALIA RELATIVA: FORMA ESPECIFICAMENTE CAPITALISTA DE MAIS-VALIA	22
4. EMERGÊNCIA DO CAPITALISMO	24
5. CARACTERÍSTICAS DO CAPITALISMO	25
6. EPÍLOGO	28
7. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	29
<b>II. ÉMILE DURKHEIM E O PARADIGMA FUNCIONALISTA</b>	<b>31</b>
1. INTRODUÇÃO	31
2. A SOCIOLOGIA: MÉTODO, ENFOQUE ANALÍTICO E OBJETO TEÓRICO	32
3. O FUNCIONALISMO COMO PARADIGMA DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA	36
4. ANÁLISE DA MODERNIDADE: EMERGÊNCIA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	39
4.1. COESÃO SOCIAL E DIVISÃO DO TRABALHO SOCIAL	39
4.2. ANOMIA E ORDEM SOCIAL: INDIVIDUALISMO E REPRESENTAÇÕES COLETIVAS	43
5. EPÍLOGO	46
6. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	47
<b>III. MAX WEBER E O PARADIGMA COMPREENSIVO</b>	<b>49</b>
1. INTRODUÇÃO	49
2. A SOCIOLOGIA: MÉTODO, ENFOQUE ANALÍTICO E OBJETO TEÓRICO	50
2.1. AÇÃO SOCIAL E SENTIDO	50
2.2. O QUE É O IDEAL-TIPO?	52
2.3. COMO FUNCIONA O ESTRATAGEMA ANALÍTICO DAS POSSIBILIDADES OBJETIVAS?	53
3. O PARADIGMA COMPREENSIVO DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA	54
4. A OBJETIVIDADE CIENTÍFICA E A CIÊNCIA COMO VOCAÇÃO	56
4.1. O PROBLEMA DA OBJETIVIDADE CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	56
4.2. A CIÊNCIA COMO VOCAÇÃO	58
5. ANÁLISE DA MODERNIDADE: EMERGÊNCIA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	59
5.1. O PROTESTANTISMO ASCÉTICO	59
5.2. RACIONALIZAÇÃO E CAPITALISMO	60
6. EPÍLOGO	63
7. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	63

<b>IV. ESCOLA DE CHICAGO E TEORIAS DA INTERAÇÃO SOCIAL</b>	<b>65</b>
1. INTRODUÇÃO	65
2. ERVING GOFFMAN E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO	66
3. HOWARD BECKER E O <i>DESVIO</i> COMO INTERAÇÃO SOCIAL	71
4. EPÍLOGO	74
5. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	75
<b>V. ROBERT K. MERTON E O FUNCIONALISMO RELATIVIZADO</b>	<b>77</b>
1. INTRODUÇÃO	77
2. ROBERT K. MERTON E O FUNCIONALISMO RELATIVIZADO	77
3. TEORIAS DE MÉDIO ALCANCE: GRUPOS DE REFERÊNCIA E PRIVAÇÃO OU RECOMPENSA RELATIVA	81
4. EPÍLOGO	83
5. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	84
<b>VI. ESCOLA DE FRANKFURT OU TEORIA CRÍTICA</b>	<b>87</b>
1. INTRODUÇÃO	87
2. JÜRGEN HABERMAS: IMPLICAÇÕES CULTURAIS DA MODERNIDADE CAPITALISTA	91
3. EPÍLOGO	95
4. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	96
<b>VII. PIERRE BOURDIEU E A TEORIA DA PRÁTICA</b>	<b>97</b>
1. INTRODUÇÃO	97
2. A TEORIA DA PRÁTICA OU PARADIGMA PRAXEOLÓGICO	100
2.1. CONCEITO DE HABITUS	101
2.2. CONCEITO DE CAMPO	102
2.3. CONCEITOS DE VOLUME E ESTRUTURA DE CAPITAIS	104
2.4. SÍNTESE	107
3. TEORIA DA PRÁTICA E CLASSES SOCIAIS	108
4. EPÍLOGO	111
5. SINOPSE DE COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	112
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>117</b>

# INTRODUÇÃO

Este texto decorre de uma necessidade didática: fornecer aos alunos de licenciaturas em sociologia uma referência bibliográfica sobre **teorias sociológicas** que não constituísse, logo à partida, um obstáculo quase intransponível para uma população que lê pouco e se enreda num universo de fácil acesso (por clique) e mais ligado à imagem do que ao texto (o universo *Web*).

Uma forma de lidar com este problema passaria por “esquecer” a escrita convencional (um texto apresentado na forma de livro) e produzir um *site* (e porque não um perfil no *Facebook*, quiçá no *LinkedIn* dando ares de maior profissionalismo) de exposição e debate de teorias sociológicas, ou, numa versão menos aberta, selecionar vídeos ou produzir ficheiros em formato *ppt* (*power point*) e disponibilizá-los através de plataformas *Moodle*.

A verdade é que o investimento pedagógico nos recursos informáticos não só não deve ser descurado como deve ser acarinhado. Mas não se pense que o generalizado acesso à internet e a meios informáticos por parte de estudantes e curiosos pela sociologia resulta, por si só, no domínio desses recursos enquanto instrumento de aprendizagem. Dito de outro modo, importa implementar mecanismos didáticos centrados numa adequada utilização de tais recursos para efeitos académicos, por exemplo, incentivando a exploração de *sites* temáticos e especializados, que devem ser especificamente referenciados e aconselhados no âmbito de cada unidade curricular, ou fornecendo uma adequada orientação para a realização de pesquisas por autor ou por temática através de motores de busca (Google ou outros).

No entanto, sem prejuízo nem menosprezo de tais práticas, acredita-se que vale a pena insistir no texto enquanto formato de comunicação em contexto pedagógico, apostando na complementaridade entre a facilidade de acesso à informação e a riqueza cognitiva da imagem daqueles meios, mas apostando também no rigor analítico e expressivo do discurso escrito, designadamente pela sua capacidade de explicitar a formalização de raciocínios, identificando o objeto e o problema em análise, identificando a perspetiva com que se aborda o problema e a lógica do percurso analítico

desenvolvido, explicitando e discutindo as conclusões e corolários de chegada.

Optou-se, pois, por escrever um manual morfológicamente tradicional, um livro que propõe uma apresentação sintética de um conjunto de autores e paradigmas teóricos que a comunidade sociológica tem por fundamentais no quadro de uma iniciação às teorias sociológicas. No essencial, este manual diferencia-se de outros pelas suas linhas orientadoras: i) apresentar os conteúdos numa formulação clara, concisa e completa; ii) não negligenciar a explicitação de ideias tidas por básicas (de acordo como o princípio de que não faz sentido gerir informação complexa quando não há acordo sobre alguns significados elementares).

É claro que esta opção pedagógica tem limites e inconvenientes. Um texto de síntese (na escolha de conteúdos e na sua exposição) é sempre parcial e tende a ser assertivo, sugerindo uma inquestionabilidade que não pode deter. Acresce ainda algumas opções epistemológicas que, sendo perceptíveis para leitores mais informados, serão pouco visíveis para os leigos a quem este manual se destina: todos aqueles que se interessam pela reflexão e pela análise do mundo social, ou que pretendem aproximar-se da abordagem sociológica e que se encontram no início desse percurso, designadamente os estudantes.

Um dos problemas pedagógicos do ensino de sociologia relaciona-se com a familiaridade que as pessoas sentem relativamente aos temas abordados nos conteúdos programáticos e, mais ainda, com a terminologia usada na sua abordagem que acaba por ser aquela com que quotidianamente falamos. Neste sentido, uma primeira e importante tarefa parece ser a clarificação de algumas noções básicas do léxico sociológico (que, aliás, não é distinto de outras ciências sociais).

Quem lida com estudantes na área das ciências sociais provavelmente reconhece que um primeiro equívoco se constitui na própria noção de **teoria**. Normalmente, a noção de **teoria** que os estudantes detêm confunde-se com quaisquer ideias ou opiniões e é frequentemente percecionada como algo que se opõe à prática.

Embora estas conotações relativamente indefinidas se possam compreender por atenção a determinados usos e outros tantos abusos que o senso comum (frequentemente outorgado nos meios de comunicação



social e mesmo na escola) fazem da noção de **teoria**, importa evitar a prevalência dos equívocos que ali se geram, designadamente por atenção à importância do espaço ocupado por este conceito (**teoria**) no âmbito das ciências sociais.

Vejam em primeiro lugar a ideia que opõe **teoria** à **prática**, muito vulgarizada através da expressão: “em teoria é assim mas na prática não é”. Esta formulação conota a ideia de **teoria** com um enunciado normativo. Na verdade, o que aquela expressão significa é: deveria ser assim mas não é, isto é, face a determinada prática, situação ou ocorrência, identifica-se a sua não conformidade com uma ideia sobre como ela deveria ser no quadro de uma avaliação ética ou normativa.

Ora, aquilo que vulgarmente se chama **prática** é parte integrante do objeto das ciências sociais. No entanto, a sua abordagem teórica não tem por objetivo dizer qual a configuração que a **prática** deve ter, mas sim questionar e dar conta da configuração que a **prática** efetivamente tem. No âmbito da ciência, o conceito de **teoria** remete para enunciados que questionam e problematizam as **práticas** ou que as descrevem, interpretam ou explicam, mas nunca para enunciados éticos ou normativos.

Mais, um enunciado **teórico** não é sinónimo de uma ideia, nem de uma opinião ou de uma mera especulação. A **teoria sociológica** (ou de qualquer outra área disciplinar) constrói-se no quadro da racionalidade científica o que, para além da coerência lógica do discurso, implica aprofundar o questionamento e a reflexividade sobre os problemas, e visa construir modelos interpretativos da realidade (ou de determinados aspetos da realidade). Acresce que a valia científica destes modelos implica a sua validação **empírica**,<sup>1</sup> ou seja, eles devem ser suscetíveis de confronto com processos de observação sistemática e rigorosa da realidade, no sentido de testar e validar essa interpretação.

A palavra **sociologia** terá sido forjada pelo francês Auguste Comte (1798-1857) no âmbito do seu Curso de Filosofia Positiva (1838). Mas nem o

---

<sup>1</sup> A expressão “**empírica**” remete para a realidade tal como ela se apresenta diretamente à observação humana.

próprio Comte se reconhecia como sociólogo, nem cunhar uma palavra é suficiente para instituir uma disciplina científica.

A história da **sociologia** poderá escrever-se começando por escrutinar a maturação da ideia e a fundamentação do conceito que se enraíza no pensamento social e filosófico iluminista, corrente intelectual que emergiu e vingou na Europa central durante o século XVIII. No plano da sua institucionalização como área autónoma do saber, é costume considerar que a **sociologia** surgiu como resposta às consequências de dois incontornáveis marcos históricos (a revolução política francesa em 1789 e a revolução industrial, primeiro em Inglaterra e depois no continente europeu, ao longo do século XIX) geradores de profundas transformações sociais, económicas, políticas e culturais nas sociedades da época.

Aqueles marcos históricos e as suas consequências configuram aquilo que os sociólogos têm designado por emergência e institucionalização da **modernidade**, que se constitui como um novo modelo societal do qual se podem destacar as seguintes características: o capitalismo e o industrialismo, a institucionalização dos Estados-nação e a laicização da sociedade e do poder, a que se associa o ideário iluminista de valores (modernismo, racionalismo e individualismo).<sup>2</sup>

Segundo alguns autores, este modelo societal institucionalizou-se e, sem prejuízo de alterações mais ou menos relevantes, prevalece ainda como modelo dominante na sociedade hodierna, na medida em que os principais eixos de estruturação societal se mantêm (fala-se em **modernidade avançada** ou **tardia** para diferenciar a sua emergência, no século XIX, da sua fase atual); segundo outros autores, algumas das transformações entretanto ocorridas revelam-se suficientemente profundas para recomendar ou mesmo implicar o uso de outra expressão designatória (genericamente, fala-se em **pós-modernidade**), e substantivar outra configuração da estruturação societal.

Seja como for, pode dizer-se que o objeto de reflexão e análise sociológica se constitui nos processos de institucionalização do próprio

---

<sup>2</sup> O conceito de **modernidade** usado em sociologia não deve confundir-se com o período histórico designado por **Idade moderna**, podendo antes associar-se ao período designado por **Idade contemporânea**. Sobre a aceção sociológica de **modernidade** enquanto realidade multidimensional pode ver-se Giddens (1992).

universo **social** e nas dimensões **socialmente** significativas dos comportamentos das pessoas. Por sua vez, a **modernidade** e as suas transformações constituem o palco onde tem lugar a **prática sociológica** nas suas múltiplas e distintas vertentes: desde o questionamento e a reflexão crítica sobre os modelos sociais até à intervenção social sociologicamente informada, passando pelo núcleo distintivo de qualquer prática científica, isto é, a investigação e a análise empírica, processos que são simultaneamente orientados pela teoria e catalisadores de novas formulações e desenvolvimentos teóricos.

Este manual de introdução às teorias sociológicas aborda um conjunto de autores e **paradigmas**<sup>3</sup> de análise cuja incidência analítica começa justamente por ser a emergência da **modernidade**, designadamente Karl **Marx**, Émile **Durkheim** e Max **Weber**. Embora estes autores sejam atualmente referidos como “clássicos” (responsáveis pelos principais paradigmas da análise sociológica clássica), não se trata aqui de fazer qualquer história do pensamento sociológico, mas de os referir pela importância dos respetivos legados teóricos que continuam a influenciar e constituir referência na sociologia de hoje, quer diretamente, quer na forma de diálogo com aqueles contributos, quer ainda através de abordagens e novos paradigmas que subsumem ou incorporam alguns de tais contributos.

De resto, para além daqueles três autores, o manual desenvolve-se introduzindo outros tantos paradigmas ou escolas do pensamento sociológico que constituem simultaneamente um contraponto e uma atualização daquelas propostas, designadamente: a **Escola de Frankfurt** ou teoria crítica, o **funcionalismo relativizado** por Rober K. **Merton** e a **Escola de Chicago**. Finalmente, o manual encerra introduzindo um paradigma de síntese: a **teoria da prática** de Pierre **Bourdieu**.

---

<sup>3</sup> No seu uso corrente o termo **paradigma** surge como sinónimo de **modelo** ou **exemplo**. No entanto, no âmbito do pensamento científico o termo **paradigma** adquire um sentido mais específico (cf. Kuhn, 1982). Mais particularmente, em ciências sociais, falar em **paradigma** remete para uma conceção do mundo e para uma forma de o conhecer, ou seja, falar em **paradigma** tem implicações relativas ao objeto de conhecimento, à natureza da realidade que se quer conhecer, e implicações metodológicas, ou seja, relativas à possibilidade de conhecer esse objeto e à forma de alcançar esse conhecimento.



# I. KARL MARX E O MATERIALISMO HISTÓRICO

## 1. Introdução

Karl Marx nasceu há cerca de duzentos anos na Alemanha,<sup>4</sup> mas continua a ser uma importante referência no âmbito da reflexividade social e política. A sua produção intelectual desenvolveu-se em diversas áreas, designadamente a filosofia, a história, a economia, a ciência política e o jornalismo, e ainda hoje influencia não apenas estas áreas do saber mas a generalidade das ciências sociais, assim como expressões doutrinárias e práticas sociopolíticas de esquerda.

É sobretudo por esta última via (uma doutrina sociopolítica) que o pensamento de Marx se institui como referência no senso comum sob a designação de marxismo.

No entanto, uma abordagem mais rigorosa e profunda do pensamento de Marx recomenda que se distinga o seu legado teórico (habitualmente referido como pensamento marxiano) do marxismo, entendido como doutrina orientadora de práticas sociopolíticas; doutrina para a qual Marx muito contribuiu e inspirou mas em que o seu pensamento surge ora simplificado ora incompleto e, portanto, de algum modo enviesado.

No estrito âmbito deste manual (as **teorias sociológicas**), interessamos menos o conteúdo do marxismo, ou melhor, os aspetos relativos ao envolvimento sociopolítico e às propostas ideológicas de Marx, do que as suas reflexões epistemológicas, teóricas e analíticas.

No entanto, seria errado pensar que se trata de universos totalmente distintos. Pelo contrário, um conduz o outro e este alimenta aquele, e faz sentido caracterizar Marx sublinhando, por um lado, a sua forte motivação

---

<sup>4</sup> Mais precisamente, Marx nasceu em Trier (cidade do sul da Prússia, atual Alemanha), a 5 de Maio de 1818. Estudou direito na universidade de Bona e depois filosofia e história em Berlim, doutorando-se em Filosofia em 1841 (Universidade de Iena). Em 1843 foi para Paris (França), donde foi expulso por motivos políticos em 1845, mudando-se para a Bélgica e depois para Colónia. Finalmente, exilou-se em Londres (1849) onde veio a falecer a 14 de Março de 1883.

para uma participação política empenhada e, por outro lado, um elevado nível de curiosidade e capacidade de trabalho intelectual. Características que estão bem patentes na seguinte observação:

*Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão, porém, é transformá-lo.*

Karl Marx, in *Teses sobre Feuerbach*

Dito de outro modo, a vontade de saber que é apanágio da filosofia não deveria quedar-se pela satisfação da curiosidade e da diletância intelectual mas deveria servir o propósito social de mudar o mundo (supostamente para melhor).

É claro que aquilo que alguns consideram um mundo melhor, não é necessariamente coincidente com o que outros consideram uma melhoria do mundo. Pelo contrário, as concepções das pessoas e dos grupos relativas a um mundo ideal e às formas de o alcançar são normalmente divergentes e as vontades e os interesses de alguns entram normalmente em conflito com as vontades e os interesses de outros.

De resto, revelando uma acuidade sociológica notável, Marx defende a ideia de que **a luta de classes é o motor da história**. Trata-se, ao fim e ao cabo, de sublinhar que são justamente as divergências de interesses e o protagonismo dos grupos sociais que dinamizam a mudança social e o curso da história.

Neste capítulo veremos como Marx aborda o problema da mudança social a partir do **paradigma do materialismo histórico**, e como esse modelo de abordagem teórica e metodológica se consubstancia numa análise da **modernidade ocidental** que, seguindo Marx, deve caracterizar-se com base na emergência e sedimentação do capitalismo enquanto modelo de desenvolvimento socioeconómico (**modo de produção capitalista**).